



Revista Brasileira de História

ISSN: 0102-0188

rbh@edu.usp.br

Associação Nacional de História
Brasil

Truzzi, Oswaldo; Izilda Matos, Maria
Saudades: sensibilidades no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil
1890-1930)
Revista Brasileira de História, vol. 35, núm. 70, 2015, pp. 1-21
Associação Nacional de História
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26342977009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Saudades: sensibilidades no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)

Saudades: *the sensitivities in epistolary portuguese e/immigrants (Portugal-Brazil 1890-1930)*

Oswaldo Truzzi*

Maria Izilda Matos**

RESUMO

Baseado nas cartas trocadas entre imigrantes portugueses estabelecidos no Brasil e seus familiares em Portugal, este artigo tem como perspectiva analisar as sensibilidades presentes nesses escritos, em particular as expressões de saudade. As cartas e correspondências investigadas foram localizadas no Museu do Imigrante de São Paulo (depositadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo – Apesp) e nos Arquivos Distritais das cidades do Porto e Braga, em Portugal. Essas missivas não só retratam processos de deslocamentos e afastamentos, como também são produtos de ambos, documentando os mundos de origem e de destino. Por meio delas percebe-se como se configuravam relações tornadas vulneráveis em razão da longa distância e do tempo de separação. Em igual medida, notam-se os esforços feitos para superar distâncias, perpetuar afetos, reforçar laços e combater a saudade. Palavras-chave: saudades; cartas; imigrantes portugueses.

ABSTRACT

Based on letters exchanged between portuguese immigrants established in Brazil and their families in Portugal, this article is to analyze the perspective sensitivities present in these writings, in particular the expressions of saudade. The letters and correspondence investigated were located in the Museu dos Imigrantes de São Paulo (deposited in the Arquivo Público do Estado de São Paulo – Apesp) and Arquivos Distritais of the cities of Porto and Braga, in Portugal. These letters not only portray displacement processes and clearances are also products of both document the worlds of origin and destination, through them it can be seen as if they configured relationships made vulnerable by the long distance and time of separation, in which it sought overcoming distances, perpetuate affections, strengthen ties and combat the saudade.

Keywords: *saudades*; letters; portuguese immigrants.

* Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Engenharia de Produção. truzzi@ufscar.br¹

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). mismatos@pucsp.br

Baseado em cartas trocadas entre imigrantes portugueses estabelecidos no Brasil e seus familiares em Portugal (1890-1930), este artigo tem como perspectiva analisar as sensibilidades presentes nesses escritos, em particular as expressões de saudade.

As cartas e correspondências investigadas foram localizadas no Museu do Imigrante de São Paulo (depositadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo – Apesp) e nos Arquivos Distritais das cidades do Porto e Braga, em Portugal. Essas missivas não só retratam processos de deslocamentos e afastamentos, como também são produtos de ambos, documentando os mundos de origem e de destino. Por meio delas percebe-se como se configuravam relações tornadas vulneráveis em razão da longa distância e do tempo de separação. Em igual medida, notam-se os esforços feitos para superar distâncias, perpetuar afetos, reforçar laços e combater a saudade.

CADEIAS DE TINTA E ELOS DE PAPEL: DESLOCAMENTOS E DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCRITURA

Apesar de sua ancestralidade, a escrita epistolar se difundiu com a ampliação das comunicações e a intensificação dos deslocamentos. A comunicação por carta tornou-se um fenômeno de massa, facilitado pelo desenvolvimento dos transportes em trens e navios nos finais do século XIX. Para enfrentar tal processo os e/imigrantes tiveram de exercitar a leitura/escritura. Assim, um amplo espectro textual passou a fazer parte desse universo. Entre vários outros escritos, circulava um conjunto de manuais e guias, opúsculos, folhetos, periódicos, revistas, indicações de viagem e das condições nos países de destino, orientações sobre os trâmites burocráticos, como a obtenção de passaporte e autorizações (Caffarena, 2012, p.21).

As experiências históricas dos deslocamentos ampliaram as distâncias entre pessoas, dilatando a sensação de ausência, suscitando sentimentos de saudade que geraram a necessidade de comunicação e os esforços de aproximação. Nesse contexto, a escrita de cartas se expandiu, incorporando os populares, o que configurou desafio para uma massa pouco letrada que, com grande esforço, procurava manter vínculos. Assim a prática epistolar se disseminou, democratizando a escritura e assumindo papel de destaque como elemento de estímulo à difusão e à consolidação da leitura/escritura entre os e/imigrantes, que foram levados a produzir documentos invocadores nesse processo.

Nesse sentido, as missivas podem ser consideradas paradigmas dos deslocamentos; tentativas de anular as distâncias; testemunhos e provas das múltiplas experiências de mobilidade. Os distanciamentos familiares foram o mote central que levou os populares a enfrentarem a pena, movidos pelo desejo de preservar as ligações domésticas e familiares, diante da necessidade de manter e/ou construir cadeias de tinta e elos de papel que se tornaram uma prática, uma necessidade e uma obrigação moral. Com as missivas, buscava-se superar afastamentos, controlar à distância, combater silêncios, perpetuar afetos, reforçar laços de família, parentesco e amizade, fazer-se presente na ausência, assumir responsabilidades e driblar a saudade.

Verdadeiro “tesouro documental” da escritura e da memória populares, graças ao volume e à frequência (Chartier, 1991), as correspondências dos e/imigrantes adquiriram interesse para os estudiosos, possibilitando ao pesquisador penetrar numa área invisível que tornou possível observar novos projetos, sucessos, problemas financeiros, táticas de sobrevivência, ascensão social, dificuldades do cotidiano no campo e na cidade, relações afetivas, subjetividades e sensibilidades (sofrimento e angústias, alegrias e frustrações). Todas essas peças essenciais de experiências individuais trouxeram luzes para as histórias da e/imigração ao esclarecer aspectos difíceis ou quase impossíveis de se perceber em outros *corpus* documentais.

Todas estas escrituras cotidianas, en sus múltiples manifestaciones y tipologías, vinieron a cumplir unas funciones determinadas, entre las que predominaron la necesidad de mantener la unión y la identidad del grupo familiar y la cultura de procedencia en la distancia; y la voluntad de registrar y transmitir informaciones esenciales, no sólo de tipo personal (como la salud, las impresiones o los sentimientos) sino también concernientes a las condiciones de vida y de trabajo (como los salarios, los precios, las posibilidades de ascenso económico o los envíos de dinero). El estudio de las escrituras migrantes nos permite comprender la variedad de los usos y las funciones de lo escrito en este momento histórico... Volver la mirada hacia los protagonistas de este fenómeno y emplear como fuentes las producidas por ellos mismos lleva al historiador a contemplar la emigración desde una perspectiva nueva y fundamental. (Blass, 2004)

A e/imigração se instaurava como um movimento pendular entre a sociedade de saída e a de acolhimento, marcado por variáveis complexas que envolviam situações conjunturais e estratégias familiares. Histórias particulares, que, quando sobrepostas, permitem constituir um panorama diferenciado dos

processos de deslocamento, desconstruindo interpretações centradas exclusivamente nos mecanismos do *pull and push* e em elementos da miserabilidade.

Muitas vezes, as histórias de e/imigrantes estiveram articuladas em temáticas de ruptura com a terra de origem e de um recomeço no país de acolhimento. Contudo, sem eclipsar o conhecimento dos contextos que influenciaram na decisão de emigrar, cabe enfatizar a manutenção de vínculos profundos entre origem e destino nas memórias dos migrantes (Sayad, 1998). Nenhuma história sobre e/imigrantes pode ser contada como se tivesse iniciado no momento em que eles colocaram o pé para fora do vapor que os trouxe. Daí por que convém, estrategicamente, pensar os e/imigrantes como indivíduos com necessidade de olhar para trás, mesmo que tivessem sido impelidos a tocar a vida para frente (Truzzi, 2008). Esse olhar para a origem, que se enlaça à preservação de identidades, tradições e vínculos, caracteriza o papel crucial do epistolário como forma de manutenção do contato com família e conterrâneos na terra de origem.

Os vapores cruzavam os mares transportando pessoas, mercadorias e ideias, e ainda carregavam a mala postal, repleta de mensagens. Múltiplas histórias escritas atravessavam o oceano buscando por notícias de filhos e pais, irmãos, maridos e esposas, noivos e noivas. As missivas traziam boas e más novas, comunicavam alegremente nascimentos e casamentos, também doenças e mortes; enviavam declarações de amor e fidelidade, fotos de família; encaminhavam conselhos de velhos, pedidos de ajuda e de dinheiro; expediam cartas bancárias e de chamada.

Essas cartas eram lidas e relidas para família, amigos, vizinhos e conterrâneos, funcionando como boletim informativo que contribuiu para alimentar as redes e/imigratórias.² Constituindo fronteiras tênues entre o caráter privado e o público, algumas cartas, a princípio escritas para determinado interlocutor, podiam se tornar semipúblicas (divulgadas no âmbito da família estendida ou dos vizinhos) ou públicas (algumas até publicadas e reeditadas em jornais ou mesmo lidas em praça pública) e, assim, forneciam informações úteis para a estruturação de redes migratórias. Embora vários meios de comunicação difundissem as informações sobre as condições no país de acolhimento, as missivas também funcionavam como instrumentos propagandísticos, reforçando as representações do Brasil como país de possibilidades, alimentando sonhos, estimulando partidas, influenciando na decisão de emigrar e na eleição do destino e estabelecendo mecanismos de solidariedade (Gibelli, 1997).

Distinguem-se diferentes tipos de correspondência trocados entre os i/emigrantes: epístolas rituais (em que se comunicam nascimentos, mortes, casamentos etc.), informativas (nas quais se transmitem notícias não rituais), sentimentais (de amor, rompimento, aspectos mais íntimos), literárias (leitura pública, com interesses estéticos), as de negócio e trabalho, além das cartas de chamada.

As missivas de chamada foram específicas do processo de deslocamento. Consistiam em cartas enviadas aos familiares, parentes e amigos com o objetivo de convidá-los a emigrar e de facilitar os trâmites burocráticos de entrada e saída nas fronteiras – como por exemplo a comprovação da existência de conhecidos que poderiam acolhê-los, possibilitando ajuda, hospedagem e emprego. Apesar de serem consideradas documentos privados e pessoais, com referências às relações familiares, conjugais e íntimas, elas foram usadas com finalidade pública: conseguir autorização de embarque³ e/ou cumprir as exigências nos portos de chegada.⁴ Tais cartas diferem das comuns pelo fato de seus autores também escreverem o que, imaginavam, pudesse servir aos interesses de seus correspondentes frente aos funcionários do Estado. Dado esse que, para o pesquisador, indica certo esforço de domínio da linguagem mais apropriada e, até mesmo, algum conhecimento e familiaridade com a política migratória vigente.

As correspondências revelam diferentes níveis de escolarização.⁵ Em alguns poucos casos, observa-se uma caligrafia esmerada, bem contornada e firme. Na maioria deles, contudo, encontra-se uma letra rústica e irregular. Quanto ao estilo, algumas cartas apresentam conhecimento das normas e respeito às regras; porém, a maioria está marcada por erros de ortografia, dificuldades ou inexistência de pontuação e uso aleatório de maiúsculas e minúsculas, o que denota conhecimentos escassos da cultura letrada e esforço mental e físico na escritura.⁶ Outros aspectos de forma também denotam baixa escolarização, como por exemplo: emprego desordenado do papel, dificuldades de manter letra alinhada, texto ora comprimido ora alargado, falta de sequenciamento das folhas.

Nesse epistolário, na maioria das vezes, o discurso era espontâneo, improvisado, com ausência ou dificuldades de organização dos textos segundo uma estrutura lógica. Esses são traços reveladores de sujeitos históricos localizados nas franjas da alfabetização. A oralidade pode ser percebida nos escritos com base na presença de português fonético, ausência de separação e/ou articulação indevida de palavras, troca de consoantes (especialmente v pelo b, denotando a influência do idioma espanhol, especialmente em regiões de Portugal próximas à Galícia), expressões coloquiais e arcaicas, frases feitas e algumas vezes expressões vulgares.

Os modelos textuais (abertura, invocação, saudação) e as características gráficas podem ser atribuídos à aprendizagem por imitação e cópia, à transmissão de modelos pelos manuais de correspondência, guias, revistas e periódicos, também estudados nos bancos escolares.

Dividido entre a ausência e a busca da presença, quem escrevia buscava manter contatos, laços afetivos, esperava por notícias e/ou comunicava

novidades. Escrever cartas atenuava a solidão e a saudade, entretanto exigia tempo, dedicação e reflexão. Grande parte dos populares estava pouco familiarizada com o texto, que para eles era um desafio, o ato de escrever constituindo-se em verdadeiro fardo. Para enfrentar esses obstáculos, criavam-se estratégias: quando não se sabia escrever ou se escrevia mal, apelava-se para que outra pessoa o fizesse, um escrevente/leitor (daí a expressão “escrever a rogo”), que poderia ser um familiar, amigo, conhecido, mestre-escola, cura da aldeia ou mesmo profissionais da escritura, que cobravam pelos serviços, alimentando as correntes de comunicação entre os que partiam e os que permaneciam. As dificuldades eram maiores para as mulheres em razão do elevado índice de analfabetismo feminino; mais frequentemente, elas recorriam aos préstimos de intermediários para a escritura/leitura.⁷

Alimentando cadeias de tinta e elos de papel, a correspondência entre migrantes faz pensar em limites pouco definidos entre letrados e analfabetos, com ampla margem de semianalfabetos. Apesar dessa escassa competência, os e/immigrantes enfrentaram a necessidade de recorrer à tinta e ao papel para dar notícias aos seus. Os deslocamentos tornaram-se um dos mais potentes produtores de escritura ao longo da história.

Essa literatura epistolar funcionava como antídoto à saudade e possibilitava reconstituir elos perdidos do passado, a circularidade cultural entre a sociedade de partida e de acolhimento (solidariedade, ajuda frente ao novo, desconhecido e possivelmente hostil), facilidades e dificuldades de integração, mudanças e permanências de *habitus* (sabores, gostos, religiosidade), transmissão e reconstrução das tradições, entre várias outras questões. Ainda assim, o principal mote dos esforços era a reconstituição familiar.⁸ Ligada ao desejo de reagrupamento familiar, exprimia-se a intenção de manter o controle; ou seja, mesmo à distância, os homens (que geralmente migravam primeiro)⁹ tentavam exercer sua autoridade, interferindo direta ou indiretamente na vida cotidiana. Além disso, as saídas dos maridos afetavam o cotidiano feminino, ampliando o trabalho e a responsabilidade das mulheres, que, além das atividades domésticas e cuidados dos filhos, passaram a arcar com a manutenção das propriedades e as lides no campo, nos comércios e negócios da família (Sarmiento, 1999).

Com a distância, os conflitos familiares aumentavam, situações que são perceptíveis nas cartas sobretudo em razão das queixas de esposas, que se sentiam desamparadas, sós com os filhos, muitas vezes passando necessidades; alguns homens deixaram de mandar notícias, nunca retornaram e constituíram novas famílias no Brasil. As mulheres, envoltas pela saudade, tornavam-se “viúvas de maridos vivos”.

SENTIDOS DAS SENSIBILIDADES: SAUDADES E SUAS MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES

Almeida Júnior¹⁰ foi um pintor que articulou estilo original e competência técnica, transitando com habilidade dos temas históricos e religiosos para cenas do cotidiano urbano e interiorano – caipira –, numa obra que conjugou força renovadora e ineditismo. Entre seus quadros destaca-se *Saudade*, pintado em 1899 (pouco antes de sua morte), no qual representou, em estilo realista, uma mulher jovem posicionada junto à janela de um ambiente doméstico humilde e rústico. No retrato, ela está vestida de negro – o que denota luto – e observa um papel que tem em mãos; talvez esteja lendo saudosa uma carta ou olhe uma imagem. Em detalhe, notam-se inscritas em seu rosto as expressões da dor causada pela saudade, explicitadas pelas lágrimas (Philippov, 2007).



Figura 1 – Almeida Júnior, *Saudades*, 1899.
197 x 101 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Essa obra, como outras representações artísticas (pintura, escultura, cinema), permite questionar os múltiplos sentidos das emoções e sensibilidades (Pesavento, 2005), as formas como indivíduos e grupos expressam/percebem a saudade, também presente em registros literários, musicais (o fado português e o samba-canção) e poéticos. No mesmo sentido, merecem menção os versos de Fernando Pessoa, para quem provavelmente a palavra *saudades* era típica do vocabulário lusitano.

*Ter saudades é viver
Não sei que vida é a minha
Que hoje só tenho saudades
De quando saudades tinha*

*Passei longe pelo mundo
Sou o que o mundo me fez,
Mas guardo na alma da alma
Minha alma de português.*

*E o português é saudades
Porque só as sente bem
Quem tem aquela palavra
Para dizer que as tem.*

Saudade também aparece nas comunicações cotidianas, sendo igualmente observável nas correspondências dos e/immigrantes, nas quais se desvelam múltiplos sentimentos e expressões: confidências, intimidades, segredos, cobranças, compromissos, desabaços, conflitos, projetos e opiniões. Assim como sonhos, ilusões e desilusões, marcados por medo, esperança, amor, ódio, rancor, ciúmes, e, principalmente, por saudade.

Saudade é umas vezes um sentimento poético de fundo amoroso ou religioso, que pode tomar a forma panteísta de dissolução na natureza, ou se compraz na repetição obstinada das mesmas imagens ou sentimentos. Outras vezes é a ânsia permanente da distância, de outros mundos, de outras vidas. A saudade é então a força activa, a obstinação que leva à realização das maiores empresas; é a saudade fáustica. Porém, nas épocas de abatimento e de desgraça, a saudade toma uma forma especial, em que o espírito se alimenta morbidamente das glórias passadas e cai no fatalismo de tipo oriental, que tem como expressão magnífica o fado, canção cidadina, cujo nome provém do étimo latino *fatū* (destino, fadário, fatali-

dade). Da combinação de factores diferentes resultou em nós um estado de alma *sui generis* a que chamamos saudade. (Dias, 1995)

Considerar o sentimento de saudade é uma questão complexa e envolve debates (Lamas, 2003), iniciados pela origem do próprio termo *saudade*. Alguns o vinculam à procedência árabe (*saudah*), enquanto outros o articulam à latina (*solidad*). Outro aspecto polemizado abarca os múltiplos sentidos e dimensões desse sentimento. Por um lado, pode ser visto como uma experiência universal (partilhada por todas as culturas) que envolve duração, demarcação e consciência de tempo e distância, concretizados no sentir falta ou tristeza pela ausência de algo ou alguém, o que pode adquirir sentidos que se tornam variados ao serem nomeados por outras palavras/categorias. Por outro lado, a saudade, embora não seja um sentimento exclusivo desse idioma, sintetiza um sentimento que só pode ser plenamente experienciado por quem fala/domina o português, estando assim marcada pela singularidade de uma experiência cultural de pertencimento à comunidade de língua portuguesa. Assim sendo, esse sentimento envolve experiências aprendidas e construídas histórica e culturalmente, que foram subjetivadas e reconhecidas (enquanto perda, nostalgia, melancolia e dor), pressupondo consciência, expressões e valores compartilhados, evocados e sentidos por meio da palavra/categoria/sentimento que lhes dá a forma, processo que resulta em uma articulação plena de significados (Silveira, 2010).

A saudade, como todo sentimento, implica a elaboração de uma linguagem que a expresse, implica a escolha, a eleição de gestos, de enunciados, de mímicas, de *performances*, de imagens, de ações e reações que lhe deem materialidade, realidade e espessura social e histórica. À saudade não basta ser sentida para existir, ela deve ser, antes de tudo, conceituada como tal, deve ser nomeada, chamada de saudade e materializada em gestos, ações, reações, *performances*. Além disso, os sentidos agregados à palavra saudade – seu universo semântico, seu feixe significativo, a constelação de sentidos trazidos por esse conceito quando pronunciado – variam de época para época. Além disso, o sentir saudade implica adotar uma dada gramática de gestos, de práticas, de reações, de comportamentos, mas também um dado conjunto de enunciados e imagens que estão social e culturalmente a ela ligados em um dado contexto. (Albuquerque Jr., 2013)

Cabe aqui o desafio de desnaturalizar as emoções, questionar o carácter universal e instintivo atribuído à saudade, observando como foi construída cultural e historicamente por meio de processos de transmissão e subjetivação

da sensibilidade.¹¹ É necessário observar suas exteriorizações no corpo (trejeitos, palpitações, expressões corporais e fisionômicas, lágrimas) e, particularmente, o modo como ela está focalizada na escritura, cabendo ressaltar como, quando e por quem foi aprendida, como foi manifestada, situar seus elementos de identificação, interação, além do modo como adquire papel central em sua transmissão (Elias, 1994).

Análises culturais e histórias sobre a saudade reforçam a relação do sentimento com os deslocamentos portugueses, localizando suas origens com as grandes navegações, a colonização, a corrida do ouro para o Brasil (século XVIII) e os intensos e contínuos processos de emigração portuguesa dos séculos XIX, XX e XXI. Dessa forma, se vincula o sentimento de saudade às experiências históricas dos portugueses, que geraram distâncias entre entes queridos; saudade era/é sentida pelos que partem e pelos que ficam... a saudade é também sujeito que fala, tem vida e autonomia, numa demonstração nítida de que é uma categoria que vem da sociedade para dentro de cada um de nós. Categoria que deseja ser, estar e deter o tempo. (DaMatta, 1993)

Nesse sentido, a situação das partidas, majoritariamente dos interiores de Portugal, a intensificação dos deslocamentos e a experiência marcante da viagem transoceânica ampliaram as distâncias e afastamentos das origens, geraram um contexto paradigmático para a formação de subjetividade marcada pela saudade, fomentando a escritura e circulação das missivas que hoje possibilitam observar as experiências dos que partiam e dos que ficaram. Situações essas aliás consagradas pelo ditado português: “Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem”.

Nos finais do século XIX, momento desses intensos deslocamentos, foram difundidas novas formas de sociabilidade, de modo que, para dinamizar os contatos, as trocas de cartas tornaram-se mais presentes na vida cotidiana. Nelas, os interlocutores se expressavam, quando possível, procurando seguir

regras de boas maneiras e apresentavam uma imagem de si controladora da espontaneidade e da revelação da intimidade. Nelas [as cartas] um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada. O ato de escrever cartas a familiares e amigos ... reuniu os indivíduos ansiosos por receber notícias dizíveis ... E apenas faz supor as indizíveis ... Criava-se e sustentava-se um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explí-

cito um pedido de resposta na conversação realizada a distância ... é possível analisar as cartas procurando nelas o *habitus* que rege conteúdos e práticas. Analisá-las como parte de uma dada cultura significa também compreender as redes de relações e estratégias de identificação empregadas pelos membros de uma família para, por exemplo, mantê-la unida. (Malatian, 2009, p.197-198)

A leitura das cartas de e/imigrantes localizadas nos arquivos pesquisados permite questionar os múltiplos sentidos nelas contidos, inúmeros intuítos que levavam a tentar se conectar com familiares, amigos e parentes, partilhando experiências e buscando por notícias.

Somando-se aos muitos motivos explícitos, outros tantos foram ocultados por pudores ou convenções, ou estão postos nas entrelinhas e nos intertextos, criando fronteiras de silêncios. “Não ditos” também estão expressos nas pausas e ausências de cartas (Pollak, 1989), podendo-se, assim, explorar múltiplos e diversos sentidos da saudade nessas missivas.¹²

Saudade envolve dimensões de tempo (de algo que se passou, alguém que se foi, de um sentimento, de fases da vida) e de espaço (algo ou alguém que está longe, inacessível, que partiu). É um sentimento sofrido que gera tristeza, dor, melancolia, vazio, sensação de perda e falta, levando ao desejo de “matar a saudade”, expressão usada para designar uma resistência e/ou esforço para ter sua aspiração realizada. Contudo, é difícil precisar o que é a saudade, palavra que designa uma mistura de sentimentos que nem sempre significam a mesma coisa ou têm a mesma dimensão para todas as pessoas. Dentre outras razões, porque o que se sentiu em dado tempo e cultura pode se diferenciar em outros tempos e espaços (Rezende, 2006; Cabral, 2004).

Ter saudade implica uma experiência de memória. Sente-se saudade de alguém, de algo (aldeia natal, sabores, odores e sons), de situações passadas, de sentimentos (amor, paixão, amizade), de se realizar algo e do tempo que se passou. Nesse sentido, observa-se nas correspondências, frequentemente, referências à saudade como sentimento ligado à falta de alguém (amigos, vizinhos, compadres, padrinhos, cunhados, sobrinhos e tios; particularmente, dos parentes mais próximos, como esposa, filhos, pais, avós, irmãos), mas também de algum animal de estimação (cachorro, gato, passarinho, cavalo, vaca, porquinha).

Nas correspondências observam-se amálgamas de várias saudades (de coisas, roupas, utensílios, móveis, instrumentos musicais e de trabalho), enfim, de elementos vários a que não se tinha mais acesso, por vezes solicitados para que parentes em trânsito os trouxessem. Também fazem parte as saudades de

sabores de produtos e pratos preparados (presunto, bacalhau, sardinhas, polvo, azeitonas, azeite, alheiras, outros embutidos e queijos de tradição portuguesa, cozidos e caldos, em particular o caldo verde e a açorda), doces (arroz-doce, pastéis, filhoses, cavacas, queijadas, migas, aletrias, pão de ló, rabanadas, ovos moles), bebidas (vinho, aguardente, ginja) e outros produtos da aldeia (frutas da estação, doces ou pratos de dias festivos). Há relatos de saudade dos aromas das plantações, das hortas (cheirinho de alecrim) e jardins, também da casa e da comida (cravo e canela), que impregnam os corredores das reminiscências, constituindo-se em memórias afetivas que levam em busca de tempos perdidos, dos momentos de carinho e das demonstrações de afeição de quem prepara a alimentação (Matos, 2014).

Observando a datação das missivas, nota-se que os meses de maior incidência eram abril, dezembro e outubro; os dois primeiros, em razão dos momentos celebrativos da Páscoa e do Natal, quando se despertava com mais frequência a saudade dos festejos na terra natal e do convívio. Já a troca intensificada no mês de outubro devia-se ao fluxo da produção agrícola, denotando interesses em acompanhar as lides da lavoura, as colheitas e as vindimas.

Com relação à dimensão do espaço, nota-se a expressão de saudade dos lugares mais íntimos: quarto, cozinha, casa, jardim e horta, mas também das terras e da aldeia, fazendo-se menção à paisagem, momentos como o nascer ou o pôr do sol; também de vida, situação, costumes e práticas abandonados, o banho no rio, as conversas ao pé do fogo, os encontros de domingo, o prazer, o convívio com família e amigos. Saudade gera tristeza, sentimento de falta ou ausência de alguém, necessidade de calor, agrado e companhia.

Ademais é interessante notar como, nas cartas, instituiu-se uma estrutura fixa, certa fórmula de uso continuado, caracterizada por elementos como: datação, abertura, invocação, saudação, tratamento, cumprimentos, votos, bênçãos e despedidas. Nesse sentido, era frequente enviar e receber *saudades*, termo que aparece nas missivas em expressões como “receben mil saudades deste seu filho”, “saudades de teu marido”, “saudades a toda a família”, “a nossa família a quem darás muitas saudades minhas”, “tu recebe um saudoso abraço deste teu marido”, “tu de mim areceve este meu coração saudozo deste teu espozo”, “aceita um saudoso abraço de teu Homem”, “aceitas saudades dos nossos filhos e netos e nora e as minhas para contigo só a vista terão fim. Esta tua mulher”, “nada mais muntas lembranças a todos do caza e muntos beijinhos aos nosos queridos filhos e tu demim recebe montos saudaes. Del deste teu marido q munto te quer e te ama adeus ate breve”.¹³

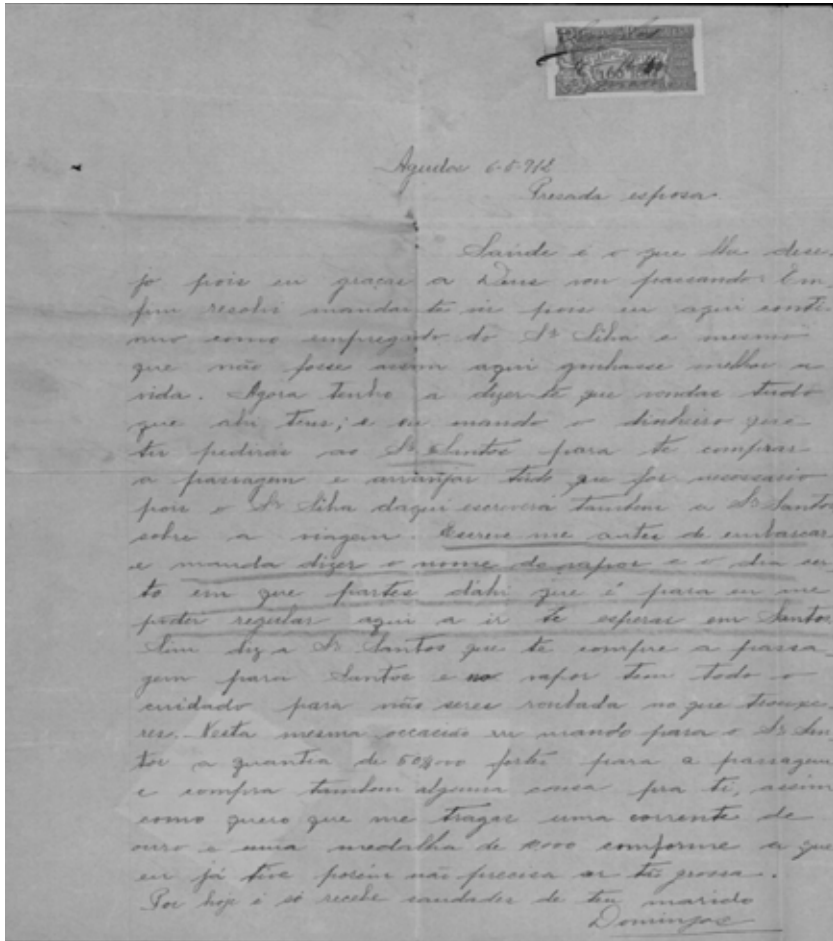


Figura 2 – Carta de 1912.

Como já indicado, a maior parte da correspondência visava o reagrupamento familiar. Assim, em muitas cartas o marido-remetente enviava *saudades* para sua esposa, como no exemplo da Figura 2, em que Domingos finaliza a carta com “Por hoje é só recebe saudades de teu marido”. Pode-se observar como a sensibilidade saudosista foi produto de um processo de formação e aprendizado por meio do convívio em família, comunidade e escola, possibilitando uma educação da sensibilidade que permitiu a esse sujeito histórico se ancorar na saudade. Em outros casos as declarações de saudade denotam carinho e afeição:

Minha querida mulher do coração com as maiores saudades que tenho tuas mandei lançar a mão a Penna só para saber da tua importante saude pois á minha nesta ocasião é bôa grasas a Deus; ca recebi a tua carta.¹⁴

para lá que eo estou muito comtente Só tenho saudades de ti e de miha mai e das meninas... e tu da João beizinhos no a merico e moitos nas mininas e dá um a braço na miha mai e tu rescve desde teu a migo um coração seio de Saudades e um coração de tristeza comisto nada mais, Sou quem saves.¹⁵

eu não posso pasar sem ti na minha companhia a oito mês que daí sai me paresse oito annos me esta sempre lembrando tu e mais o nosso filho estou morto por vosver cá é pé de mim Erminda logo que tu recebas esta carta trata de governar a tua vida.¹⁶

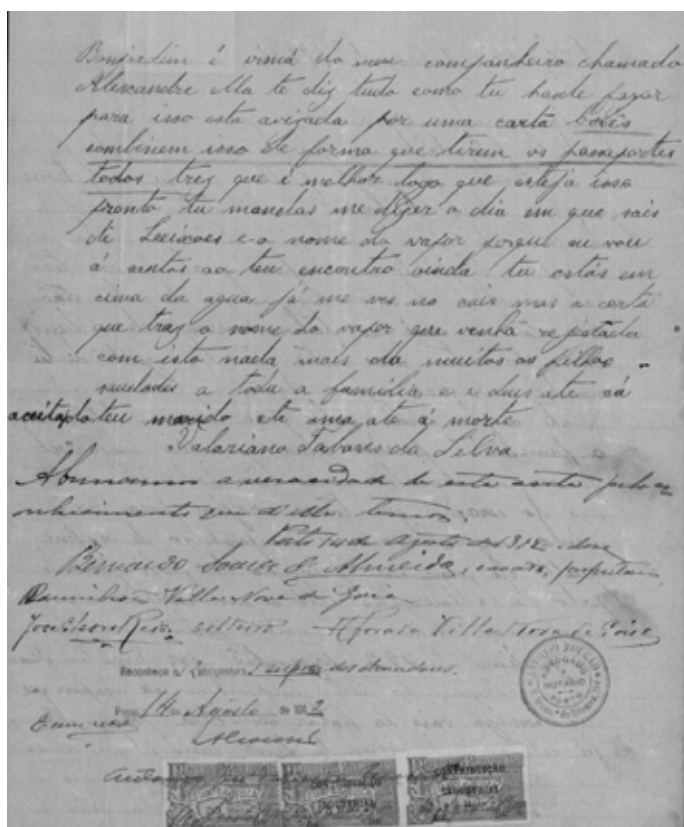


Figura 3 – Carta de 1912.

Certo remetente despede-se de sua esposa, dizendo “recebe pois um saudôzo abrássos deste teu marido que te estima e a dóra”.¹⁷ Também se encontram

missivas em que os maridos declaram sentir saudade das esposas, de sua comida e mesmo da roupa lavada e passada por elas. Observam-se expressões de saudade dos filhos, afeto da paternidade: “saudades de nossos filhos e tu recebes um abraço desse teu marido que esta morto por te ver”.¹⁸

Na análise da correspondência propõe-se, portanto, o desafio de compreender como a saudade foi conceituada nos escritos. Ou seja, o modo como o “sujeito saudoso” expressou relações com diferentes dimensões de tempo (Cabral, 2004), acionando campanhas de memória ao relembrar/reviver o passado, descrever o presente (triste e carente), planejar/projetar a superação da dor visando um reencontro futuro e o reagrupamento familiar, buscando assim, delimitar, classificar e tentar controlar o tempo.



Figura 4 – Fragmento de carta.

Perparate para vires para a minha companhia que istou cheio de saudades.¹⁹

Tu das por mim mil beijinhos a nossa linda filhinha e tu recebe mil beijos e mil abraços e muitas mil saudades, e um saudozo aperto de mão deste teu homem, que brevemente ade abraçar.²⁰

tem pena de mim du frio que tenho pasado faz da tua parte dique tu pudeses que eu daqui te guardo tenho montas saudade tuas ispera.²¹

Das correspondências, que tiveram sobretudo objetivo de comunicação, visando ações pragmáticas, emerge um discurso emotivo pleno de sentimentos. Nelas há *performances* comunicativas acionadas com certos propósitos, permeadas por negociações de poder, de modo que as palavras assumem funções e significados convergentes ou não, dependendo da situação de quem remete e de quem lê (Rezende, 2010).

Saudade também aparece como adjetivo e adjetivada: “recébe um curaçon a berto de saudades deste teu bem que está anciozo pur te abraçar sou”, “escreve o meu coração cheio de saudades”, “suspira de saudades”, “eu estou morto por a vê e tu meu amor”. A palavra também é caracterizada como muitas, imensas; quantificada como “mil”, “incontáveis”, “cheio de” e “pleno de”, entre outros.

Estando ou não nomeada, quantificada ou qualificada, a saudade perpassa todos esses escritos, denotando a experiência de afastamento e distância provocada pelos deslocamentos, mas sempre vinculada ao aprendizado de sentir e expressar *saudades*, já que se tem como pressuposto que os sentimentos não brotam naturalmente, são aprendidos histórica e culturalmente por códigos, regras e linguagens. Desde a infância, percebia-se as pessoas dizerem e expressarem saudade, escutavam-se canções e ditados relatando saudade, liam-se e ouviam-se textos, histórias, poemas que definiam a saudade, observavam-se imagens que representavam saudade, passando-se a experienciar saudade como perda, falta, ausência, distanciamento, luto e partidas dos entes queridos. Saudade sentida frente às incertezas do retorno e da possibilidade de reencontro. Nesse sentido os deslocamentos do final do século XIX e das décadas seguintes e as correspondências que foram seus subprodutos não só retrataram o processo de afastamento, mas também foram sementeiras de saudade, sintetizando dramas afetivo-existenciais individuais e familiares que se estenderam coletivamente e marcaram experiências tanto lá como cá.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira. *Revista História Hoje*, v.2, n.4, p.149-174, 2013.
- BLASS, Veronica. "Puentes de papel": apuntes sobre las escrituras de la emigración. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n.22, p.93-119, jul.-dez. 2004.
- CABRAL, Maria Celeste Leite Augusto da Matta. O tempo da saudade ou a saudade lida através do tempo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LETRAS E ARTES (ENLETRARTE), 2. Campos, RJ, Cefet, Instituto Federal Fluminense, 2004. Disponível em: www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/viewFile/1686/870.
- CAFFARENA, Fabio. Introducción. In: _____. MARTÍN, Laura M. *Escrituras migrantes: una mirada italo-española*. Genova: Franco Angeli, 2012. p.21.
- CHARTIER, Roger. Avant-propos. In: _____. *La correspondence, les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 1991.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia da saudade. In: _____. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DEVOTO, Fernando J. Las cadenas migratorias italianas: algunas reflexiones a la luz del caso argentino. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, Buenos Aires: Cempla, n.8, p.103-123, 1988.
- DIAS, Jorge. *O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GIBELLI, Antonio. Les témoignages des émigrants entre oralité et écriture. In: ROUCHE, Monique; MALTONE, Carmela (Dir.) *Sur le pas des italiens en Aquitaine au vingtième siècle: actes du Colloque Inter. Talence-Bordeaux*. Pessac: Maison de les Sciences de l'homme d'Aquitaine (MSHA), 1997. p.289-313.
- LAMAS, Maria Paula. *Reflexões sobre a saudade*. Lisboa: Imprensa José Fernandes, 2003.
- MACDONALD, John; MACDONALD Leatrice. Chain Migration Ethnic Neighborhood Formation and Social Networks. *The Milbank Memorial Fund Quarterly*, v.XLII, n.1, p.82-97, 1964.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p.197-206.
- MATOS, M. Izilda S. de. *Cotidiano e cultura*. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- _____. Cultura, tradição e invenção: temperados com lágrimas de saudades. In: PATRIOTA, R.; RAMOS, A. *Escritas da história: ver, sentir e narrar*. São Paulo: Hucitec, 2014. p.260-279.

- _____. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. *História: Questões & Debates*, Curitiba: Ed. UFPR, n.34, p.45-63, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PHILIPPOV, Karin. A saudade de José Ferraz de Almeida Júnior: uma análise dos aspectos iconográficos. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 3. Campinas, SP, 2007. IFCH/Unicamp. Disponível em: www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/PHILIPPOV,%20Karin.pdf.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- REZENDE, Claudia Barcellos. Saudades de casa? Identidade nacional no prisma da antropologia das emoções. *Revista de Sociologia das Emoções*, João Pessoa, v.5, 2006. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v5,%20n14.15%20ago.dez2006.pdf.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.
- RODRIGUES, Henrique. Epistolário popular e imagens da emigração oitocentista; uma abordagem às cartas enviadas do Brasil para Viana do Castelo. In: RODRIGUES, Henrique; PORTUGUÊS, E. *Escritas privadas, da mobilidade e da guerra*. Monção: Câmara Municipal de Monção, 2013.
- SARMENTO, Carmem de Moraes. “Minha querida marida”, subsídios para o estudo da família emigrante através das cartas de chamada 1890-1914. In: CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA. *Actas do Congresso: História Regional e Local*. Maia, 1999. p.291.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo da. Para além da origem da palavra saudade (ou antropologia de um sentimento coletivo). *Revista Litteris*, v.4, 2010. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/paraalemداorigemdapalavrasaudade.pdf>.
- TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. 2.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

NOTAS

¹ A pesquisa que deu origem a este artigo conta com apoio financeiro do CNPq.

² A categoria rede de e/imigração abrange tanto as ações familiares e comunitárias quanto as estruturas impessoais de informação, difusão e apoio, articulando-se à noção de cadeia proposta por MACDONALD; MACDONALD, 1964, e DEVOTO, 1988.

³ Em Portugal, os processos de pedidos de passaportes eram constituídos pelo termo de abonação de identidade, pelo requerimento e por outros documentos do peticionário – ou quando se tratava de passaporte coletivo/familiar, documentos de todos os seus membros. Excepcionalmente, abrangiam também os bilhetes de viagem. Frequentemente, incluíam-se missivas que eram endereçadas por familiares com os quais os peticionários pretendiam se juntar. O trâmite se dava da seguinte forma: o(a) candidato(a) a emigrante aguardava pela carta para encaminhar os processos na burocracia lusitana; quando de posse dos documentos, deveria registrá-los em cartório, reconhecendo sua legitimidade pela presença e assinatura de duas testemunhas. De acordo com a legislação portuguesa, as mulheres casadas e os filhos menores não podiam emigrar sem a autorização dos respectivos maridos e pais. Em geral, restringiam-se as saídas de cônjuges para o estrangeiro, já que a permanência dos laços conjugais e a manutenção da família em Portugal funcionavam como um suporte, ampliando as possibilidades do retorno e facilitando os fluxos das remessas, que se tornaram essenciais para a família e a economia do país. A partir do Decreto 7427 de 30 mar. 1921, sob novo regimento, a carta familiar foi substituída por um tipo de impresso que se tornou sucinto, deixando de elencar em pormenor as referências e informações anteriores.

⁴ Apesar da anterioridade da prática das “chamadas”, a partir de 1911 a legislação brasileira introduziu a obrigatoriedade desse documento para os maiores de 60 anos e os inaptos ao trabalho. O mesmo decreto, no seu Cap. II, Art. 5, especificava que o governo forneceria benefícios (passagem, transporte, acomodações e isenções de taxas) aos agricultores aptos ao trabalho, dando-se preferências aos “chamados por parentes já estabelecidos no Brasil”. Uma vez cientes dos benefícios, vários imigrantes buscavam acesso ao documento. No porto de desembarque, o recém-chegado, ansioso, entregava as “chamadas” à Inspetoria de Imigração. Essas cartas podiam ser oficiais, servindo-se de formulário próprio (da Inspetoria, autoridade consular ou policial, como o Departamento Estadual de Ordem Política e Social); mas em outros casos tratava-se de cartas privadas e manuscritas, testemunhos da existência de um contato no Brasil, como se fossem uma “chamada” informal. A maioria das missivas localizadas nos arquivos portugueses é de maridos e pais para as suas esposas; já as cartas coletadas na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo acompanhavam as exigências legais para a entrada. Nessas existe um número considerável de chamadas de idosos (pais, mães, sogras e sogros, avós), além das dirigidas a outros parentes e conterrâneos.

⁵ Desde meados do século XIX, a escolarização em Portugal foi uma necessidade sentida e reclamada pelos populares, chegando a ser apoiada por mecenas que contribuíram para a construção de casas de ensino e escolas, merecendo destaque a ação de alguns “brasileiros”.

⁶ Nas cartas aparecem referências à falta de tempo para escritura. Para se comunicar, aproveitava-se de qualquer tempo livre, do período do almoço e da noite; em alguns poucos casos declarava-se cansaço durante a escritura noturna; pode-se também perceber que algumas missivas foram escritas de uma única vez, outras em vários momentos ao longo de dias (RODRIGUES, 2013).

⁷ O uso de intermediários podia gerar constrangimentos, inibindo o emissor na exposição de segredos e intimidades, que passava a selecionar o que arriscaria escrever ou não. Algu-

mas vezes, as missivas se reduziam a aspectos formais ou essenciais. Os iletrados ficavam dependentes da disponibilidade e do tempo de pessoas letradas, além de nos trâmites utilizarem-se dos escreventes profissionais, alguns dos quais exerciam a função nas Repartições Públicas, Cartórios Notariais ou Câmaras, aparecendo referências até mesmo a escreventes juramentados.

⁸ Nas cartas analisadas aparecem diferentes situações, mas se observam duas vertentes – uma de cartas enviadas pelos maridos, outra pelas esposas. Majoritariamente as cartas foram escritas por homens; apesar de se ter apenas um exemplar de cada correspondência, o ritmo do envio variava, fazendo-se notar em alguns casos troca regular e em outros demora nas respostas, queixas pela falta de notícias, silêncios e pedidos para se escrever com mais frequência (RODRIGUES, 2013).

⁹ Era relativamente comum os homens emigrarem primeiro, atenuando os impactos da mudança e, numa ação preventiva frente aos possíveis infortúnios, reservarem a chamada do restante da família para um momento mais favorável, quando já estivessem estabelecidos e pudessem contar com melhores condições financeiras.

¹⁰ José Ferraz de Almeida Júnior (1850, Itu, SP – 1899, Piracicaba, SP), pintor, estudou na Academia de Belas Artes, recebendo reconhecimento e premiações; aperfeiçoou-se na Escola Superior de Belas Artes, em Paris (1876-1882). Voltando ao Brasil, expôs com sucesso e instalou-se em São Paulo (1883), sempre realizando viagens à Europa (1891/96). Seu estilo mesclou influências românticas, realistas e pré-impressionistas. Destacam-se entre seus quadros: *Derrubador brasileiro* (1879), *Descanso do modelo* (1882), *Caipira picando fumo* (1893), *A Partida da Monção* (1897), *Leitura* (1892), *O Importuno* (1898), *O violeiro* (1899) e *Saudades* (1899).

¹¹ O processo de subjetivação implica a noção de “sujeição”, criando-se assim a ideia de que é fabricado e modelado no registro social. O processo de construção de subjetividades convive com a imposição coercitivamente atada às homogeneizações de determinados modelos culturais hegemônicos – estratégias que são orientadas pelo controle dos desejos e das vontades –, em que se objetiva moldar, regular. Todavia, o processo de subjetivação não é visto como destino inexorável de serialização de indivíduos, porque comporta simultaneamente a possibilidade de reapropriação, subentendendo-se que os sujeitos são agentes aos quais se permite escolhas. Escolhas que, embora não sejam ilimitadas, abrem espaço para a construção de algo, pois, em conflito com as normas do controle, levam à reconquista do potencial da autonomia criativa (MATOS, 2001).

¹² Se no início dos Oitocentos o tempo de percurso das cartas entre o Brasil e a Europa era de aproximadamente 60 a 70 dias, ele se reduziu sensivelmente com a expansão do sistema ferroviário-vapores e com a maior regularidade da mala postal – assim, as missivas podiam chegar ao destino em até 20 dias –, e com a instituição ou ampliação dos correios, que se tornaram veículos de circulação das missivas e adquiriram importância. A chegada dos correios era aguardada com ansiedade e a distribuição da correspondência nas aldeias era realizada em lugar público, o que fazia a carta de um carta de todos.

¹³ Carta Processo 1004 maio 1754/1912, Arquivo Distrital do Porto.

¹⁴ Carta Processo 691 maço 1753/1912, Arquivo Distrital do Porto.

¹⁵ Carta Processo 780 maço 1758, Arquivo Distrital do Porto.

¹⁶ Carta Processo 859 maço 1759/1912, Arquivo Distrital do Porto.

¹⁷ Carta processo 464 maço 1761/1912, Arquivo Distrital do Porto.

¹⁸ Carta 01 maço 1751/1912, Arquivo Distrital do Porto.

¹⁹ Carta Processo 779 maço 1754/1912, Arquivo Distrital do Porto.

²⁰ Carta Processo 987 maço 1759/1912, Arquivo Distrital do Porto.

²¹ Carta Processo 370 maço 1761/1912, Arquivo Distrital do Porto.